

Cantor e compositor, o carioca Alê lança o EP autoral 'Igbá'

Por Affonso Nunes

Depois de estreiar com o single "Pretas & Pretos Novos" em 2024, o cantor e compositor Alê apresenta seu primeiro EP, "Igbá", em que reafirma a música como território de celebração, resistência e fé. O título, que em yorubá significa "cabaça", remete ao objeto sagrado usado em cultos de matriz africana — símbolo da conexão com os orixás e com a ancestralidade.

O artista carioca traduz vivências espirituais em arranjos que cruzam tradições afro-diaspóricas, afro-indígenas e afro-quilombolas. O novo trabalho reúne seis faixas autorais — "Intro (Nêgo Bispo)", "Veste Teu Branco", "Reis

Fusão entre espiritualidade e ritmo

Pedro Kuia/Divulgação



Alê traduz vivências espirituais em sua obra nas canções do EP 'Igbá'

Malunguinho", "Ayabá", "Losi Losi" e "Agayú (Aganjú)" — onde melodias e percussões se entrelaçam à pesquisa musical e à devoção religiosa.

Compositor e violonista, Alê começou a divulgar suas criações nem suas redes sociais em 2020, durante o período pandêmico. Desde então, vem atraindo atenção de nomes como o historiador e escritor Luiz Antônio Simas e a escritora Eliana Alves Cruz, que reconhecem a força poética e política de sua obra.

A produção de "Igbá" marca uma nova etapa em sua trajetória. Os arranjos foram desenvolvidos em colaboração com os músicos Jj Aquino (bateria e efeitos), Muriilo Moe (baixo) e Pedro Dias (percussão). O EP ainda traz participações do flautista Sereno Melo — neto de João Cabral de Melo Neto — e dos percussionistas Camafeu de Ayrá e Marcus Mickey. O resultado é uma sonoridade híbrida e dançante, sustentada pela espiritualidade como eixo condutor.

"Igbá é mais do que um EP — é um chamado", define o artista.

CRÍTICA / DISCO / VIVO SONHANDO

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do álbum Vivo Sonhando (independente, através de campanha de financiamento coletivo), de Gabriel Veras. É seu primeiro trabalho como solista de violão de seis cordas: apesar de fera no violão de sete cordas, ele usa-o apenas quando acompanha cantores e solistas. Com oito faixas, cuja direção musical foi entregue ao violonista e compositor Iuri Bittar, Gabriel se dá ao choro, aos tangos brasileiros, ao afrosamba e a outros gêneros do repertório popular violonístico.

Mas o que impressiona em Vivo Sonhando, muito mais até do que o fato de ser o primeiro de um jovem, é a forma como Gabriel se entrega ao instrumento: com rara coerência melódica. Por mais que outros jovens também se dediquem hoje ao violão (salve eles!), sempre

haverá espaço para um se sobressair e despontar como o craque da parada, aquele que, pleno de emoção nas mãos, tem os dedos aptos a burilar os arranjos, ora carregados de sentimento, ora com dedilhados energéticos.

Particularmente, prefiro o comedimento à intensidade dos violonistas. Mas o que mais admiro mesmo é quando estas duas virtudes se tornam cúmplices do músico, alçando-o ao elenco dos bambas do instrumento.

E a sonoridade do violão do cara? Meu Deus, o que é aquilo? Gabriel Veras toca demonstrando gostar do que brota do seu violão — sem dúvida, um instrumentista

Salve um novato e grande violonista

Divulgação



com autoestima em alta —, deixando transparecer a alegria de poder oferecer ao ouvinte o que ama fazer com seu ofício. Ofício este que ele ainda irá desenvolver e que, evidentemente, aperfeiçoará para seguir encantando os amantes da boa música instrumental. Ouça o álbum

em <https://acesse.one/sChTN>.

"Vivo Sonhando" (Garoto): o violão vem despertando sentimentos. Bela abertura de tampa. "Interrogando" (João Pernambuco): os dedos vibram na obra imortal do genial João Pernambuco, acrescentando-lhe vigor. "Amigo Sena" (Canhoto da Paraíba): não poderia faltar, e aí está o grande Canhoto, pelas mãos de Gabriel. "Enigma" (Garoto): outro grande tema do mestre vem soar nos ouvidos agradecidos do ouvinte. "Odeon" (Ernesto Nazareth): bem-vindo o choro de Nazareth, aqui trazido pela emoção de Gabriel. "Três Colinas" (Iuri Bittar): Bittar diz presente com esta bela peça. "Choro

Triste" (Aymore — 1908/1979): tão triste quanto lindo é este choro de Aymore. "Canto de Xango" (Baden Powell): não sei como vai ser, mas Baden tem que ouvir Gabriel Veras tocar esse canto que, carregando a força das entidades sagradas, abençoa compositores e intérpretes.

Daqui do meu canto, saúdo Gabriel Veras e seu violão!

FICHA TÉCNICA

Gabriel Veras — violão; Iuri Bittar — direção musical e coordenação; João Ferraz — mixagem e masterização; Roberta Correa — engenheira de áudio e edição; Yuri Reis — arte da capa; Yasmim Loureiro — produção executiva e design; gravado no estúdio Radames Gnatalli, no Rio de Janeiro.

*Vocalista do MPB4 e escritor